



grupo de estudos em  
literatura brasileira  
contemporânea

UnB

Apoio:



X Simpósio Internacional sobre Literatura Brasileira Contemporânea:  
circulação, diálogos, entornos

Universidade de Brasília, 28 a 30 de agosto de 2024

## “Já não existe Buriti Pequeno: uma leitura ecocrítica de *Erva brava*, de Paulliny Tort

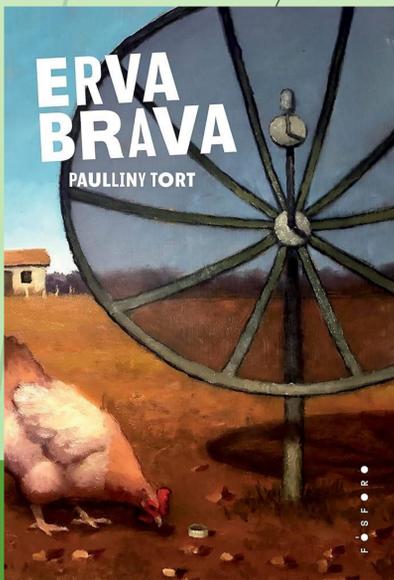
Priscila Almeida Calado – mestranda/UnB

Orientadora: Dra. Virgínia Vasconcelos Leal – UnB

### INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, eventos climáticos extremos tem sido cada vez mais assunto da ficção, não somente da ficção científica. A literatura tem contribuído com o discurso científico e a não ficção ao abordar a emergência climática e o não humano, seja por meio do gênero chamado “cli-fi” (*climate fiction*) ou a ficção mais realista, como são considerados os contos de *Erva brava*, de Paulliny Tort, mesmo que a cidadezinha de Buriti Pequeno, no cerrado brasileiro, termine submersa.

Amitav Ghosh cita em *O grande desatino*, publicado pela editora Quina em 2022, várias questões relacionadas ao Antropoceno e à Literatura, afirmando que seria necessário que a ficção literária tradicional se apropriasse do evento do colapso planetário como o que há de mais real na contemporaneidade. E é isso que Paulliny Tort faz em seus contos. Nesse sentido, pretende-se analisar a coletânea com base nos estudos ecocríticos.



### OBJETIVOS

Se vivemos um tempo de crises e desastres ambientais, quais histórias estão sendo contadas? Dentre essas histórias, como Antropoceno está sendo representado? Como se configuram as narrativas nesse tempo de aceleradas mudanças e catástrofes? Nesse contexto, pretende-se analisar a coletânea *Erva brava*, de Paulliny Tort, à luz da Ecocrítica, corrente metodológica que busca analisar representações culturais envolvendo a relação do ser humano com a ecologia.



### METODOLOGIA

A problemática ambiental é incorporada aos estudos literários por meio da Ecocrítica, ramo da literatura que pretende analisar as representações que envolvem a relação entre a natureza e o ser humano (Garrard, 2006).

Embora a representação da natureza não seja um tema inovador na literatura, é o modo de interpelar criticamente, através de métodos como a ecocrítica, que surge um instrumento capaz de instrumentar o texto literário com novas formas de compreender tal interação.

### RESULTADOS

Paulliny Tort é uma escritora que mergulha nas trevas, que percebe a obscuridade de seu tempo em relação às questões que envolvem a conexão entre o sujeito e o meio ambiente e os retrata em *Erva brava*. Coexistem no mesmo tempo da narrativa: relações ancestrais entre pessoas, animais e plantas, o desmatamento para o desenvolvimento do agronegócio, a tecnologia de exploração das pessoas e do meio ambiente por meio do capitalismo bioprodutivo, o desequilíbrio ambiental e a perda da biodiversidade pela monocultura de soja e de eucalipto, a poluição dos rios, as relações patriarcais, os impactos ambientais do turismo e do capitalismo, as relações ancestrais e de resistência ao capitalismo e às mudanças, assim como a religiosidade sincrética e outros temas.

O rio Amanaju guarda um protagonismo que se torna evidente na fatura da obra. Personificado, traz à tona a crise ambiental e as dramáticas transformações sociais das últimas décadas, que estão culminando na emergência climática que assombra o tempo futuro.

Já no primeiro conto, Ternura e crack, estão intrincadas identidades pós-humanas, que figuram como outros estruturais, e o antropoceno (Braidotti, 2020). Nele somos apresentados a uma paisagem nada idílica, em que seres se movem pela beira do rio contaminado, por plásticos e detritos, o qual ninguém mais se atreve entrar pelo fedor de amônia e fossa e porque até os peixes estão mortos. Os cinco personagens-espectros apresentados são unidos pelo vício em crack e pela desumanização de que são vítimas. O que resta da identidade na biopolítica?

No rio Amanaju, um dos “espectros” entra na água e é logo tomado por uma tosse. Em sua pele e em seus cabelos o cheiro de amônia prevalece, uma substância não persistente e não cumulativa, mas que se inalada por um tempo determinado pode ser sufocante e de extrema irritação aos olhos, à garganta e ao trato respiratório.

Nessa época de capitalismo biocognitivo contemporâneo, o conceito de humano está em xeque (Stengers, 2015). O jovem Josué cai no silo e pode se sufocar, pois a produção de soja não pode parar, como retratado no conto Má sorte. Mas é no último conto que nos deparamos com “rios voadores”, após meses de estiagem, um fenômeno que causa as chamadas tempestades de verão. São fluxos de água que correm no céu, carregando água advinda das árvores úmidas na floresta Amazônia em forma de nuvem. O problema é que, com o aquecimento global, vários fenômenos ocorrem na atmosfera terrestre e altera o ciclo de evaporação de água, potencializando as chuvas.

Ailton Krenak (2022) cita os rios voadores em seu *Futuro ancestral*. Ele fala de rios mutilados, com seus corpos lenhados por algum dano humano. Garimpo, mineração e apropriação indevida da paisagem alteram o que conhecemos como natureza.



Na narrativa de Tort, uma tempestade cai por três dias e três noites e encharca a cidade de Buriti Pequeno e as matas. É assim que o rio Amanaju transborda com sua água fétida, as espécies animais são ameaçadas e os moradores precisam abandonar suas casas e tentar se abrigar na igreja, na parte mais alta da cidade.

O tempo das catástrofes abate Buriti Pequeno. A força da natureza é percebida como um resultado do Antropoceno. O morro da baleia se desmancha na enchente. A enxurrada arrasa as granjas de porcos e galinhas, a tromba d’água devasta a cidade, a energia elétrica dá pane. Os endinheirados se safam da devastação, mas já não existe Buriti Pequeno. O descaso das autoridades com o meio ambiente é evidenciado.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de uma linguagem ágil, Paulliny Tort liga a narrativa à aceleração da destruição. Também é uma característica do conto essa “agilidade”. Nádia Battella Gotlib (2006), em *Teoria do Conto*, cita a unidade de efeito de Poe, segundo o qual a extensão do conto estar interligada na reação que ele provoca no leitor. Há em *Erva brava* uma preocupação tanto ética quanto estética. Mesmo optando por uma chave realista, apesar de manter características consideradas distópicas, Tort consegue capturar o espírito do nosso tempo.

### REFERÊNCIAS

- BRAIDOTTI, Rosi. “O pós-humano: a vida além do sujeito” em BERNARDINO, Lígia et al. Pós-humano. *Que futuro?:* antologia de textos teóricos. Edições Húmus, 2020.
- GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Brasília: Editora UNB, 2006.
- GHOSH, Amitav. *O grande desatino*. São Paulo: Quina Editorial, 2022.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática, 2006.
- HARAWAY, Donna. *Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes*. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. *ClimaCom – Vulnerabilidade* [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016.
- KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes - resistir à barbárie que se aproxima*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- TORT, Paulliny. *Erva brava*. São Paulo: Fósforo, 2021.